

O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas e a revista *Heródoto*: reconhecimento, promoção e divulgação de conhecimento especializado

Glaydson José da Silva*
Gilberto da Silva Francisco**

SILVA, G. J.; FRANCISCO, G. da S. O Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas e a revista *Heródoto*: reconhecimento, promoção e divulgação de conhecimento especializado. R. Mus. Arq. Etn., 32: 211-217, 2019.

Resumo: Este texto objetiva apresentar o grupo de estudos *Heródoto – Mundo Clássico e suas conexões afro-asiáticas* (Unifesp), bem como seu periódico, a revista *Heródoto*, ambos com o mesmo escopo temático: a fuga de uma visão ocidentalizante das conexões no Mediterrâneo antigo, sobretudo aquelas que foram desenvolvidas envolvendo populações do norte da África e orientais.

Palavras-chave: Grupo de estudos e pesquisas *Heródoto*, Revista *Heródoto*, Unifesp, História Antiga.

Objetivo deste texto é apresentar o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas¹ e a publicação periódica que dele resultou, a revista *Heródoto*². Tanto o grupo quanto a revista a ele relacionada assumem como premissas o reconhecimento da importância de trabalhos no escopo temático em que se inserem e, como corolário, o imperativo de sua promoção e divulgação. Nesse sentido, cabe apresentar, inicialmente, o surgimento do grupo a partir do interesse em dois autores, em duas leituras específicas que nos foram inspiradoras.

Há vários estudos sobre a antiguidade caracterizada como clássica, sobre o norte da África e o que se apresenta de forma um tanto generalista como Oriente, mas uma visão integrada dos grupos humanos que ocuparam esses espaços na Antiguidade foi muito frequentemente colocada em plano secundário. Em conversa com algumas colegas de Departamento de História da Unifesp, as professoras Patrícia Teixeira Santos (História da África) e Samira Adel Osman (História da Ásia), que também se tornariam integrantes do grupo, partimos desta premissa e tratamos da possibilidade de construção de um espaço em que esse debate pudesse ser desenvolvido, aproveitando-se, sobretudo, de uma abordagem integrada levada a termo por diferentes especialistas. Pensamos, então, num grupo de estudos que mobilizasse pesquisadores brasileiros e estrangeiros sobre temas relevantes nesse escopo de interesse e que considerasse tanto a apresentação de palestras e minicursos, mas, também, uma forma de publicação de

(*) Professor Associado do Departamento de História Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo <sglaydson@hotmail.com>

(**) Professor Adjunto do Departamento de História Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo <gisifran@gmail.com>

(1) <http://mundoclassiconectado.unifesp.br>

(2) <http://www.herodoto.unifesp.br>

conteúdos, em um periódico aberto ao público acadêmico interessado, a partir de contribuições temáticas específicas organizadas em dossiês ou entrevistas, e artigos, esses de caráter mais variado, bem como resenhas, traduções, documentos e notas de pesquisa.

No que se refere ao campo da Antiguidade, mais detidamente, em nossas experiências acadêmicas percebia-se que uma grande porta para as discussões na perspectiva que iniciávamos junto aos alunos era o singular trabalho de Martin Bernal – *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*” (03 volumes), que, em português, foi apresentado em grande medida pelo artigo de Bernal (2003) *A imagem da Grécia antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia*, traduzido por Fábio Adriano Hering (UFOP). Com isso, não apenas a obra, mas toda a polêmica que se desenvolveu em torno dela também alcançava o interesse de nossos alunos, trazendo à tona, ao que nos parece, dois fatores importantes:

1) A simples percepção (em termos elaborados), para alunos recém-oriundos do Ensino Médio, de que o mundo grego antigo também tivera contatos com a África e com a Ásia, abandonando, nos dizeres de Bernal, a ideia de que a Grécia “foi uma civilização que “nasceu” – como Atena da cabeça de Zeus – pura e completamente formada” (Bernal 2003:31);

2) A relação que, em *Black Athena*, se estabelece entre presente, passado e memória, dando bases a um fundamento epistemológico que percebe, de modo crítico, a invenção historiográfica do mundo antigo, particularmente grego, como uma construção racista e colonial.

Nos diálogos que estabelecemos com nossas colegas, surgiu outra referência bastante interessante, e que, apesar de não ser especificamente ligada às dinâmicas do mundo antigo, permite-nos pensar fenômenos relacionados: trata-se do texto *Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural*, de autoria Paulo Fernando de Moraes Farias (2003), professor emérito do Departamento de Estudos Africanos e Antropologia da Universidade

de Birmingham. Neste artigo, traduzido pelo historiador João José Reis (UFBA), são apresentados os debates em torno da temática do afrocentrismo em cinco livros, publicados em inglês e francês entre 1999 e 2001. Esses cinco trabalhos tratam “de versões do afrocentrismo que têm como foco o Egito antigo, definem sua população como negra (de aparência semelhante à dos negros da África sub-saariana atual), e propõem esses antigos egípcios como fonte da civilização grega e de toda a civilização ocidental” (Farias 2003:319).

Longe de acordar em essência seja com as teses de Martin Bernal sobre os modelos de interpretação para as origens da Grécia antiga (modelo antigo, modelo ariano e modelo ariano ampliado), seja com as teses apontadas e discutidas por Paulo Fernando de Moraes Farias sobre o Egito antigo e suas relações com o Ocidente, foram as discussões em torno desses dois textos que suscitaram a proposição de criação do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas. Nos dois casos, os usos do passado pela História e pela Arqueologia do Mediterrâneo antigo, como forma de estabelecer compreensões de questões que eram coetâneas, em contextos modernos e contemporâneos, a diferentes estudiosos, apontavam não só para a importância de um escopo temático comumente olvidado, mas, também, para o imperativo de uma reflexão acerca do papel do passado nos jogos de estratégia e afirmações identitárias.

A partir destes influxos temáticos e teóricos, e observando a importância dos diálogos interdisciplinares na constituição de discursos abrangentes interessados nessas dinâmicas de integração, é que foi criado nosso grupo, que envolve, em nível local, colegas de diferentes departamentos da EFLCH/Unifesp e, também, num contexto mais amplo, estudiosos de outras universidades, com a colaboração de colegas estrangeiros. Assim, o grupo foi originado a partir do interesse de estudiosos do mundo clássico que o pensam a partir de suas conexões com os mundos africano e asiático conhecidos na Antiguidade. Ainda, foi consideravelmente desenvolvido em parceria com pesquisadores do mundo contemporâneo de História da África, da Arte Africana e da Ásia, que consideram o mundo antigo como presença posterior, determinada e

reformulada pelas múltiplas visões de diferentes historicidades que lhe sucederam.

Sabidamente, ao longo da história do pensamento ocidental, as conexões e integrações entre gregos e romanos e povos da África e da Ásia foram frequentemente negligenciadas como objeto de estudo. Ao voltar seus interesses para essas frentes, reconhecendo-lhes sua importância capital, o *Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas* parte da convicção de que as relações entre o mundo clássico e a afro-Ásia constituíram uma espécie de pano de fundo para a longa história Ocidental e Oriental.

Dentre seus objetivos o grupo se propõe: (a) Evidenciar as influências mútuas e não hierarquizadas entre as culturas greco-romanas afro-asiáticas – considerando, para além das relações de aceitação e dominação, instâncias como assimilação, ajustamento, conflito, negociação e resistência ante os contatos; e (b) Apontar para as influências exercidas pelas teorias do eurocentrismo, do afrocentrismo e do asiocentrismo na produção historiográfica acerca do mundo antigo. Para tanto, o grupo congrega pesquisadores das áreas de Arqueologia, História e História da Arte,³ e almeja estabelecer conexões de pesquisa com universidades brasileiras e estrangeiras, a partir de publicações que sejam conectadas às suas três linhas de pesquisa:

1) A Grécia antiga e suas conexões afro-asiáticas: contatos e identidades

Esta linha de pesquisa estuda: 1- A questão dos contatos culturais e identidades entre a Grécia, África do Norte e Ásia na Antiguidade, concentrando-se nos subtemas: (a) O Egito e a Líbia na História de Heródoto; (b) A histo-

riografia sobre a Grécia e a África do Norte na Antiguidade; (c) As cidades de Náucratis e de Cirene. 2- A questão da alteridade e interação da Grécia com o Oriente na Antiguidade, concentrando-se nos subtemas: (a) O “outro” na História de Heródoto; (b) A historiografia sobre a Grécia e o Oriente na Antiguidade; (c) As conexões da arte grega com o Oriente. 3- As circularidades culturais e religiosas entre o antigo Oriente médio, o norte da África e a Grécia.

2) Roma, África e Ásia – contatos, transformações e identidades

Esta linha de pesquisa estuda: 1- A integração da África e da Ásia ao Império Romano: (a) Debates sobre identidades e alteridades, assimilação, ajustamento, conflito, negociação, hibridização e resistência; (b) Estudos historiográficos; 2- Roma e a Ásia Menor: (a) Trocas culturais entre romanos e gregos na Ásia Menor; (b) Processos de incorporação e transformações sociais e econômicas; (c) Os cristianismos, os cultos locais e o culto imperial nas cidades da Ásia Menor; 3- Roma e África: (a) Trocas culturais entre Romanos, Púnicos, Númidas e Mouros na África do Norte; (b) Processos de incorporação e transformações sociais e econômicas; (c) Os cristianismos, os cultos locais e o culto imperial nas cidades da África romana.

3) História da história da África

Esta linha de pesquisa estuda: 1- Etnografia e História das práticas expressivas e das línguas das Áfricas, concentrando-se na reflexão sobre a história social das sociedades africanas da costa oriental. Parte-se da investigação crítica sobre o nome África e sobre o adjetivo africano privilegiando-se a perspectiva de *longue durée* como estratégia crítica aos essencialismos e anacronismos da experiência contemporânea africana. 2- As influências exercidas pelas teorias do

3) Integrantes do grupo são (em ordem alfabética): Adilton Luis Martins (História da Ásia/História Moderna); Gilberto da Silva Francisco (História Antiga/Arqueologia do Mediterrâneo Antigo); Gláydson José da Silva (História Antiga); José Geraldo da Costa Grillo (História Antiga/Arqueologia do Mediterrâneo antigo); Julio César Magalhães de Oliveira (História Antiga); Luciano César Garcia Pinto (Letras Clássicas – Latim); Maria Aparecida de Oliveira Silva (Letras Clássicas – Grego/História Antiga); Marta Denise da Rosa Jardim (História da Arte africana); Patrícia Teixeira Santos (História da África); Samira Adel Osman (História da Ásia).

eurocentrismo, do afrocentrismo e do asianismo na produção historiográfica acerca do mundo antigo, concentrando-se nos subtemas: (a) O lugar da história da Antiguidade Clássica na obra dos historiadores africanos envolvidos nos volumes sobre o mundo antigo da coleção História Geral da África; (b) Os debates em torno da construção dos volumes da coleção História Geral da África voltados para o mundo antigo; (c) Os perfis biográficos dos historiadores da Antiguidade participantes da Coleção; (d) As discussões acerca do lugar discursivo ocupado pelo Egito na historiografia – dentro ou fora da África. 3- As concepções de tempo histórico e tempo social nas narrativas gregas, africanas e asiáticas do mundo antigo.

Da proposta de criação do grupo de pesquisa surgiu, concomitantemente, a ideia de criação de uma revista, a *Heródoto* (Fig. 1), ideia esta que foi levada a termo ao longo do ano de 2014, por meio de amplas discussões com os docentes integrantes do grupo, que se beneficiaram do debate promovido pelo *Grupo de Trabalho em História Antiga* da ANPUH, no âmbito do *XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) – O futuro do passado*, ocorrido em Brasília, em julho de 2013; ocasião na qual foi discutida a importância das publicações sobre História Antiga brasileiras em língua estrangeira, em inglês, particularmente. Daí a orientação de criarmos uma revista bilingue, que publica textos de autores estrangeiros em sua língua original, com sua respectiva tradução para o português, e textos de autores de língua portuguesa, com sua respectiva versão em inglês. Assim, a revista tem a proposta de se estabelecer como um periódico científico bilingue, cujo intuito maior consiste em promover circulações, trocas acadêmicas com estudiosos de diferentes centros de pesquisa e universidades do mundo e auxiliar, também, em uma maior visibilidade das contribuições brasileiras nesse campo no exterior.

A história antiga de povos africanos e asiáticos pouco interessou aos ocidentais. A existência desses povos na Antiguidade foi frequen-

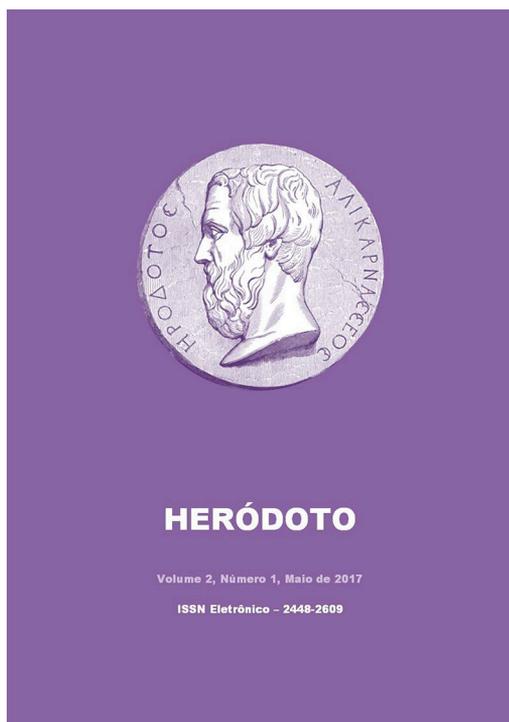


Fig. 1. Capa da Revista Heródoto.

temente percebida a partir de suas relações com gregos e romanos. Essa percepção, longe de estabelecer um entendimento de interações e trocas culturais, com frequência, naturalizou discursos hierárquicos sobre relações de dominação de gregos e romanos sobre os outros povos. Partindo dessa premissa, a revista *Heródoto* tem por objetivo não só dar lugar à originalidade dos estudos de povos afro-asiáticos na Antiguidade em nosso contexto, mas, também, às relações estabelecidas por estes com gregos e romanos, para além das ideias normativas de predominância grega e/ou romana presentes nos conceitos de helenização e romanização, por exemplo.

Esta perspectiva parte da compreensão da existência de inúmeras sociedades complexas e heterogêneas que se inter cruzam em situações e ambientes de fronteiras, por vezes decisivos para os avanços tecnológicos e sociais dos povos envolvidos; povos que se aproximam e se distanciam, com contribuições distintas e complementares. As experiências do imperialismo e do colonialismo modernos não só instituíram campos disciplinares (ocidentais) voltados aos estudos de

povos afro-asiáticos (africanismo e orientalismo) como, também, estabeleceram entendimentos só compreensíveis se ligarmos esses campos aos contextos coetâneos nos quais se desenvolveram. Essa constatação, contudo, não deve reduzir nem o entendimento do africanismo e nem aquele do orientalismo – campos de estudo, hoje, muito mais amplos e mais complexos – às grandes querelas ideológicas nas quais se fundaram.

A obra de Martin Bernal – *Atena negra: as raízes afro-asiáticas da civilização clássica*, que nos inspirou a criação da revista e do grupo de estudos e pesquisas **já foi e ainda é objeto de muitas críticas** (Lefkowitz 1996; Moore 2001; Binsbergen 2011) que, pertinentes ou não, não lhe tiram o grande mérito de trazer, para o centro do debate acadêmico, as discussões acerca das circulações e trocas culturais entre Grécia e Roma e povos do Oriente Médio, da África e da Ásia – ampliando significativamente o campo das pesquisas científicas, por um lado, e colaborando, por outro, com a grande atualidade das discussões identitárias contemporâneas, que não cessam de colocar a Antiguidade Clássica em sua base. A Antiguidade, como dissera Patrick Cabanel (2001:50) a propósito dos jovens nacionalismos da Europa, *está presente em todos os lados, polissêmica, ambivalente, furiosamente moderna*.

Oceanos, mares, rios, golfos e desertos foram espaços de conexão entre povos que, *ab origine*, mantiveram-se em contato, muito antes da expansão do mundo helênico ou da Roma republicana, num vasto cruzamento entre línguas, culturas e religiões. Seja pelo recorrente rompimento de fronteiras levado a cabo pela experiência humana ou pela promoção de trocas comerciais, o mundo dividido entre Oriente e Ocidente nunca conheceu limites absolutos. As literaturas de língua grega ou latina e as evidências materiais expressam o grau dessas interações, que tiveram no Mediterrâneo seu grande palco de entrecruzamentos – espaço de diálogos de culturas, lugar privilegiado das mestiçagens desde longa data. Léopold Sédar Senghor (1977), poeta e escritor senegalês, intelectual engajado na luta pelo reconhecimento das culturas não europeias, para dizer do lugar ocupado pelo Mediterrâneo na história da humanidade lembrava os ensinamentos de Paul Rivet, assim resumindo-os:

Como o dizia Paul Rivet, meu antigo professor de Antropologia no Instituto de Etnologia de Paris, todas as primeiras civilizações históricas nasceram nas altitudes do Mediterrâneo, nas linhas de encontro dos negros, brancos e amarelos. E, acrescentava ele, às civilizações mediterrâneas – da egípcia à árabe, passando pela grega -, as civilizações iraniana e indiana, chinesa e maia.

Em toda essa saga humana, a “mestiçagem” cultural e biológica é definidora das experiências dos povos na Antiguidade, fruto de inalienáveis zonas de contato. Para além dos méritos de sua concepção e exequibilidade até o momento, a revista *Heródoto* tem pela frente um conjunto de desafios importantes, tais como qualificar sempre mais suas traduções e versões; ampliar seu quadro de colaboradores estrangeiros; aprimorar seu sistema de avaliação por pares (tempo e número de avaliadores); obter registro de seus conteúdos em indexadores importantes para suas áreas de inserção; tornar-se atrativa para pesquisadores brasileiros especialistas sobre o mundo antigo; responder satisfatoriamente às demandas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em relação aos periódicos de altos extratos; alcançar patamares de normatização editorial; e conseguir regularidade de financiamento.

A revista *Heródoto* não tem a pretensão de se constituir numa revista estritamente temática, até mesmo pelas importantes limitações que em breve conheceria, sobretudo no que concerne à necessidade sempre constante que assumiria de angariar textos de conteúdos específicos. Mas visa, contudo, promover, em cada um de seus números, conteúdos relacionados às temáticas que lhe definem. Ora com entrevistas, ora com dossiês, ora com artigos, ora com traduções, ora com resenhas, ora com a publicação de documentos.

O primeiro volume da revista (2016) foi publicado com periodicidade anual, e, até agora, foram publicados quatro números; e, para todos, observamos esses critérios. Como exemplo podemos citar, rapidamente, a sessão de traduções do primeiro número - V. 1, N. 1 (2016), na

qual foram disponibilizados, em português, os seguintes textos: *Os romanos na África ou a África romanizada? Arqueologia, colonização e nacionalismo na África do norte*, de Claude Lepelley; *A África no Capítulo XXXV do Édito do Máximo de Diocleciano*, de Pascal Arnaud; e *O Egito e os desertos circunvizinhos à luz de novas descobertas (IV-III milênios a.C.)*, de Juan Carlos Moreno García.

No segundo volume (V. 2, N. 1 - 2017), já com periodicidade semestral, foi publicada, em português e inglês, uma entrevista com a professora Haiganuch Sarian, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, intitulada *Reflexões sobre o Mundo Grego e o Antigo Oriente Próximo*. Nos volumes 2, número 2, e 3, número 1, que foram comemorativos (a revista prestou uma homenagem ao professor Pedro Paulo Abreu Funari, que doou sua biblioteca e arquivo pessoal para a Universidade Federal de São Paulo), também se publicaram textos de diferentes autores que contemplavam a temática principal da revista. **É importante citar, ainda**, nesta mesma chave, os projetos de futuras publicações da revista. O próximo volume (volume 3, número 2) está sendo organizado por dois colegas da área

de Letras Clássicas (Luciano Pinto - Unifesp e Pedro Falleiros Heise - UFSC), que organizam o dossiê *Os estudos clássicos na África*, e visa atrair contribuições de pesquisadores africanos nesse domínio. O volume 4, número 1 (2019), trará o dossiê *Cidades e periferias no mundo antigo*, e será organizado pela professora Maria Beatriz Borba Florenzano (MAE/USP); o volume 4, número 2 (2019), trará o dossiê *Recepções do mundo africano e asiático antigo no mundo moderno e contemporâneo*, e será organizado pelas professoras Patrícia Teixeira Santos e Samira Adel Osman (Unifesp); e, finalmente, o volume 5, número 1 (2020) trará o dossiê *Relações centro-periferia e a concentração da riqueza no mundo romano*, e será organizado pela professora Maria Isabel D'Agostino Fleming (MAE/USP).

Quanto aos desafios apresentados para a construção e consolidação desse canal de comunicação que vem se tornando a revista *Heródoto*, gostaríamos de poder contar com a colaboração de todos em diferentes frentes, assumindo como premissas o que foi dito acima: o reconhecimento da importância de trabalhos no escopo temático da revista e, como corolário, o imperativo de sua promoção e divulgação.

SILVA, G. J.; FRANCISCO, G. da S. The UNIFESP Study and Research Group on Classical Antiquity and its Afro-Asian Connections, and its journal *Herodotus*: Recognizing, promoting and disseminating expert knowledge. *R. Mus. Arq. Etn.*, 32: 211-217, 2019.

Abstract: This article presents UNIFESP' Study and Research Group on Classical Antiquity and its Afro-Asian Connections, as well as its periodical *Herodotus* (available at <http://www.herodoto.unifesp.br>). The Study and Research Group and its journal propose a departure from traditional Western views of the Ancient Mediterranean region and its connections, to focus on perspectives involving the populations from Northern Africa and the East. The work of the Group and *Herodotus* is based on the assumption and recognition of the importance of such works in this field and is geared, as a corollary of this orientation, to meet the compelling need to promote and disseminate them.

Keywords: Herodotus (Heródoto) Study and Research Group; *Herodotus* (Heródoto) Journal; UNIFESP; Ancient History.

Referências bibliográficas

- Bernal, M. A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia. Tradução de Fábio Adriano Hering. In: Funari, Pedro Paulo Abreu (Org.) *Repensando o Mundo Antigo*. IFCH/UNICAMP, Coleção Textos Didáticos, número 49: 13-31
- Binsbergen, W. v. (Org.). 2011. *Black Athena comes of age: Towards a constructive reassessment*. Lit Verlag, Berlin.
- Cabanel, P. 2001. Nations antiques et antiquités nationales. In: Caucanas, S.; Cazals, R.; Payen, P. *Retrouver, imaginer, utiliser l'Antiquité*. Actes du Colloque international tenu à Carcassonne les 19 et 20 mai 2000. Editions Privat, Toulouse: 49-58.
- Farias, P, F. M. 2003. Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. *Afro-Ásia*, n.29, v.30: 317-343.
- Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21061/13658>> Acesso em: 02/10/2018
- Lefkowitz, M. R.; Maclean R. G. (Orgs.). 1996. *Black Athena Revisited*. University of North Carolina, Chapel Hill-London.
- Moore, D. C. (Orgs.). 2001. *Black Athena Writes Back*. Martin Bernal responds to his critics. Duke University Press, Durham & London.
- Senghor, L. S. 1977. Les noirs dans l'Antiquité méditerranéenne. Conferência pronunciada por Léopold Sédar Senghor em 11 de maio de 1977, por ocasião de sua visita oficial ao Principado de Mônaco. *Ethiopiennes – Revue Negro-Africaine de Litterature et de Philosophie*, n. 11. Disponível em <<http://ethiopiennes.refer.sn/spip.php?article560>> Acesso em: 02/10/2018

Agradecimentos

Os autores agradecem à professora Maria Isabel D'Agostino Fleming o generoso convite para que apresentassem o grupo de estudos e pesquisas que lideram na Unifesp e a revista da qual são editores.